

Universidade de Brasília

Centro de Formação Continuada de Professores

Secretaria de Educação do Distrito Federal

Escola de Aperfeiçoamento de Profissionais da Educação

Curso de Especialização em Gestão Escolar

**A ARTICULAÇÃO DO GESTOR ESCOLAR NO
DESENVOLVIMENTO DO CURRÍCULO FUNCIONAL
DO CENTRO DE ENSINO ESPECIAL**

PERPÉTUA CIPRIANO VIEIRA

BRASÍLIA – DF

JULHO 2014

PERPÉTUA CIPRIANO VIEIRA

**A ARTICULAÇÃO DO GESTOR ESCOLAR NO
DESENVOLVIMENTO DO CURRÍCULO FUNCIONAL
DO CENTRO DE ENSINO ESPECIAL**

Monografia apresentada para a banca examinadora do Curso de Especialização em Gestão Escolar como exigência parcial para a obtenção do grau de Especialista em Gestão Escolar sob orientação do Professor-orientador Dr. Erisevelton Silva Lima e da Professora tutora-orientadora Mestre Abigail do Carmo Levino de Oliveira.

Professor coordenador: Doutor Erisevelton Silva Lima

Professora tutora-orientadora: Mestre Abigail do Carmo Levino de Oliveira

BRASILIA - DF

JULHO 2014

TERMO DE APROVAÇÃO

PERPÉTUA CIPRIANO VIEIRA

A ARTICULAÇÃO DO GESTOR ESCOLAR NO DESENVOLVIMENTO DO CURRÍCULO FUNCIONAL DO CENTRO DE ENSINO ESPECIAL

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialização em Gestão Escolar do Programa Escola de Gestores, Centro de Formação Continuada de Professores – CFORM, do Centro de Educação a Distância, Universidade de Brasília, pela seguinte banca examinadora:

Prof. orientador Dr.: Erisevelton Silva Lima

(Orientador-UnB)

Prof^a Mestre: Abigail do Carmo Levino de Oliveira

(Tutora-Orientadora-UnB)

Prof^a Mestre: Silêda Maria Holanda de Sousa Almeida

(Examinadora-UnB)

Brasília, DF, 26 de Julho de 2014.

Dedico toda minha formação nesse curso de Gestão Escolar, que se somará a minha memória educativa, a todos os alunos especiais e familiares que fazem da minha prática o real sentido do meu ser professora não se acomodar mediante os entraves e desafios da Educação Pública!!

Ao meu amado Deus e misericordioso por alimentar em mim aquilo que é indispensável para quem vive a educação: a fé e a perseverança.

A todos colegas e mediadores/orientadores que Deus colocou no meu caminho para trilhar essa formação tão oportuna e pelo incentivo a minha autonomia durante todo o processo em que se deu a construção desse trabalho.

Minha gratidão aos meus suspiros de vida doce - Vítor e Letícia pelo entendimento da minha presença ausente, durante os dias e noites de leituras e aprendizagens;

Ao meu companheiro, amigo e amado João que contribuiu de maneiras diversas, desde os cuidados com nossos filhos a construção dos meus trabalhos através do seu olhar reflexivo e crítico somando aprendizagens significativas.

E, sem muitas palavras, somente afeto ao meu sobrinho Vinícius Meneses por sua disponibilidade atenciosa em contribuir com seus conhecimentos tecnológicos, e ao meu exemplo de estudos na educação – Cláudia Queiroz.

Em nome do respeito que devo aos alunos, não tenho porque me omitir, ocultar minha opção política assumindo uma neutralidade que não existe. Esta omissão do professor em nome do respeito ao aluno, talvez seja a melhor maneira de desrespeitá-lo. O meu papel, ao contrário, é o de quem testemunha o direito de comparar, de escolher, de romper, de decidir e estimular a assunção deste direito por parte dos educandos.

(Paulo Freire)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar de que modo o gestor escolar articula a aplicação do currículo funcional na proposta pedagógica desenvolvida numa escola pública de Educação Especial, bem como a parceria no trabalho em relação às famílias dos alunos. Esse estudo surgiu da necessidade de investigar o conhecimento do gestor, professores e pais sobre o Currículo Funcional para esses alunos que não apresentam, no momento, condições pedagógicas e nem indicação para inclusão na instituição comum. A análise da realidade quanto à maneira como se planeja e se utiliza essa proposta curricular, organizada para atender aos alunos da Educação Especial, torna-se aqui objeto de estudo, aprofundamento e pesquisa em um campo ainda pouco discutido. A metodologia utilizada foi uma pesquisa de campo através do estudo de caso com anotações de observações e aplicação de questionário, tendo assim um caráter qualitativo. Com os resultados, observa-se que o currículo funcional oferece a possibilidade de maior autonomia, independência e promoção da qualidade de vida atual e a médio prazo com maior eficiência quando a família, em parceria com a gestão escolar, se une num mesmo objetivo elencado na diretriz pedagógica dos Centros de Ensino Especial da SEE/DF.

Palavras-chave: Gestão escolar; Currículo Funcional; Parceria.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	- 8 -
1.1 JUSTIFICATIVA.....	- 9 -
1.2 OBJETIVOS	- 11 -
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	- 12 -
2.1 Centro de Ensino Especial – Ambiente de Inclusão ou Exclusão?	- 12 -
2.2 Educação Especial no Centro de Ensino Especial.....	- 14 -
2.3 Tecendo conceito de Currículo	- 17 -
2.4 A importância do Currículo nos Centros e suas adaptações.....	- 19 -
2.5 Função social do Centro de Ensino Especial.....	- 21 -
2.6 O Gestor Escolar e o Currículo Funcional como outro caminho	- 22 -
2.7 O Gestor e a família em parceria na efetivação do Currículo Funcional	- 26 -
2.8 O Currículo Funcional como Construto Social (inclusão) e a Gestão Escolar.....	- 28 -
3. METODOLOGIA	- 30 -
3.1 Participantes da pesquisa.....	- 32 -
3.2 Procedimentos da coleta de dados.....	- 33 -
3.3 Análise dos dados.....	- 33 -
3.4 Organização, análise e interpretação dos dados	- 34 -
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	- 46 -
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	- 48 -
APÊNDICE	- 51 -
Questionário.....	-51-

1. INTRODUÇÃO

O conhecimento exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo.
Requer uma ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca
constante. Implica invenção e reinvenção.
Paulo Freire

A escola para a realização desta pesquisa denomina-se Centro “Motivador Social” situada no DF. Oferece atendimento escolar para alunos com necessidades especiais - PNEEs maiores de 14 anos de idade que moram no Plano Piloto e a maioria nas regiões administrativas do DF. A estrutura escolar, fundada na década de 1970, chama atenção pela organização dos ambientes e pela arborização favorecendo o bem estar dos alunos pelo espaço verde existente. A escola, com formato de colmeia, é dividida em 8 módulos em forma de dodecaedros onde são organizadas as turmas de acordo com as modalidades de ensino/deficiências. Os alunos matriculados no Centro, no total de 200, são portadores de Deficiência Intelectual, Transtorno Global de Desenvolvimento, Deficiência Múltipla e Deficiência Auditiva. A Instituição tem localização privilegiada, no Plano Piloto, ao lado do Parque da Cidade. A comunidade vizinha é composta por clubes, escolas, condomínios e universidades o que facilita para a concretização de parcerias diversas. Fazem parte da equipe diretiva desta escola o diretor, a vice-diretora, a Supervisora Pedagógica, o Supervisor Administrativo e o Chefe de Secretaria. Ainda, por ser Centro de EE, temos uma Equipe Especializada de Apoio à Aprendizagem (Psicóloga, Pedagoga), uma Orientadora Educacional e quatro (04) professoras Coordenadoras, sendo dois coordenadores para cada turno, e ainda temos o Conselho Escolar e a Associação de pais e mestres que fazem parte do funcionamento da escola como um todo. O Centro atende nos turnos matutino e vespertino com quadro de funcionários de 115 professores e 28 funcionários da carreira de assistência. Esta escola, além dos atendimentos em salas de aula onde é desenvolvido os Currículos Adaptados da Ed. Básica e o Currículo Funcional, tem projetos educativos que fazem parte dos atendimentos oferecidos aos alunos: Projeto EU DANÇO, Projeto Expressão Corporal, Projeto Música e Ritmo e Projeto Jardim Ecológico e o Projeto LIEDES –informática.

Este trabalho tem como tema norteador “*O gestor escolar e seu compromisso com a aprendizagem de todos na escola*” e como título A ARTICULAÇÃO DO GESTOR ESCOLAR NO DESENVOLVIMENTO DO CURRÍCULO FUNCIONAL DO CENTRO DE ENSINO ESPECIAL. Para esclarecimento desse tema, faz-se necessário ainda enfatizar que os alunos inseridos no Centro de Ensino Especial são, exclusivamente, pessoas com necessidades educativas especiais - PNEEs, que, por comprometimento severo e várias especificidades em seu desenvolvimento (distúrbios comportamentais, deficiência mental ou múltipla) possuem dificuldades na aprendizagem e não possuem indicação imediata para a inclusão, por isso são atendidos em Centros de Ensino mantidos conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação –LDB - em seu artigo 58, 2º parágrafo.

Atuo neste Centro com turmas de TGD – alunos com Transtorno de Desenvolvimento global (autistas), porém, passei por diversas turmas e me chama a atenção o fato dos pais colocarem sempre a expectativa dos seus filhos serem alfabetizados e a maneira como os gestores desenvolvem na prática esse Currículo e outros que nem a colocam. Então, a forma como o Currículo é apresentado aos pais pela equipe gestora da escola, e a que os pais entendem esse currículo, bem como a sua aplicação no Centro pelos professores que trabalham de maneira individualizada, causaram em mim uma inquietação que desperta a necessidade de se fazer uma pesquisa como trabalho monográfico, para entender o Currículo Funcional desenvolvido dentro dos Centros na Educação Especial.

1.1 JUSTIFICATIVA

As estratégias de ensino na Educação Especial nos Centros ainda permeiam por Currículos tradicionais e adaptados sem a participação/articulação do "trio gestor" no planejamento do Currículo apropriado, no acompanhamento e nas decisões sobre como encaminhar e dar condições de desenvolver projeto pedagógico em sala de aula, focado na aprendizagem de todos os alunos, e sem a parceria da maioria dos pais, que depositam em nós educadores e na equipe gestora a esperança da inserção social de seus filhos, por meio

da leitura e da escrita, mesmo sem saber tornar esse conhecimento funcional e aplicável, numa comunidade que pouco compreende e muito menos sabe lidar com os comportamentos das pessoas com necessidades educacionais – PNEEs. Por fazer parte do quadro de professores regentes do Centro Motivador Social, que lidam diariamente com a tentativa de realizar, na prática, a proposta curricular dos Centros voltada para o Currículo Funcional, com o objetivo de enfatizar aquilo que o aluno vai aprender tenha utilidade para sua vida no momento atual ou a médio prazo, foi que procurei investigar o conhecimento e a aplicação do Currículo em questão por parte dos gestores e familiares que lidam com alunos com deficiências severas, em tempo escolar superior a 30 anos. Diante desses fatos, surgem inquietações e questionamentos que fomentam uma pesquisa com relação à função do gestor escolar e seu compromisso com a aprendizagem de todos na escola, especialmente com alunos portadores de necessidades educacionais especiais - PNEEs.

Problema da Pesquisa

Nesse sentido, o problema de pesquisa que norteará esta investigação, será baseado na seguinte indagação:

Como Gestor e professores da Educação Especial percebem a Proposta Curricular no Centro e que representações os pais de alunos inseridos no CEE possuem a cerca do Currículo Funcional?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral:

Analisar como Gestor e professores do Centro Motivador Social, percebem a Proposta Curricular realizada na instituição, conhecendo assim as representações dos pais acerca do Currículo Funcional.

1.2.2 Objetivos Específicos:

- Analisar o acompanhamento do gestor escolar na prática pedagógica em sala de aula, realizada no Centro Motivador Social.
- Verificar o percentual das famílias que conhecem a proposta do Currículo Funcional/Adaptado, bem como suas representações a respeito do mesmo;
- Identificar na Proposta Curricular do Centro ações que favoreçam a inclusão dos alunos PNEEs na sociedade.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Centro de Ensino Especial – Ambiente de Inclusão ou Exclusão?

O reconhecimento à pessoa especial ter direitos vem mudando a cada dia em nossa realidade educacional. Trata-se, portanto, do direito à educação, comum a todas as pessoas, e o direito de receber essa educação em ambientes especializados funcionais, *quando possível* junto com as demais pessoas nas escolas "regulares". A Constituição Federal estabelece o direito de as pessoas com necessidades especiais receberem educação preferencialmente na rede regular de ensino (art. 208, III). A diretriz é a plena integração dessas pessoas em todas as áreas da sociedade.

No Plano Nacional da Educação - PNE a meta 4, que antes se pautava somente pela inclusão, agora abre a possibilidade para o atendimento apenas em classes, escolas ou serviços públicos comunitários a alunos para os quais não seja possível a integração em escolas ditas normais, ou seja assegurar o atendimento escolar também nas escolas especiais para PNEEs com maior grau de severidade e maiores de 21 anos de idade. A esses alunos a sociedade e o setor educacional não podem fechar os olhos, e nem desrespeitar o direito que a família tem de escolha de aprendizagem para seus filhos, achando que estão limitando o direito desses à inclusão. Com a manutenção dos Centros, é importante afirmar que não se trata de desmerecer a condição daqueles PNEEs de serem inclusos em “escolas ditas normais” e ditas assim soam como preconceito e exclusão, pois na verdade, o que falta à sociedade entender é que toda escola é escola das diferenças, pois todos nós somos diferentes. Pensar numa escola ideal, seja ela para atender qualquer aluno, é pensar prioritariamente no tipo de aluno a que vai se destinar o ensino e qualquer escola se torna inclusiva quando reconhece as diferenças dos alunos diante do processo educativo e busca a participação e o progresso de todos adotando novas práticas pedagógicas para melhor atender às necessidades de todos os alunos.

No DF existem 13 escolas especiais chamadas Centros de Ensino Especial, fora as conveniadas que vem lutando pelo direito de PNEEs, entendendo que a inclusão passa por esses ambientes também, uma vez que o objetivo desses espaços são oferecer aos alunos portadores de necessidades educativas especiais, sem condições de serem integrados em

escolas regulares, condições de desenvolvimento pleno dentro de suas potencialidades e utilizam procedimentos naturais dentro do Currículo Adaptado e Funcional.

Em 1994, em Salamanca, a UNESCO organizou a Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais e consagrou as ideias de inclusão e escola inclusiva. Essa nova política de educação ao portador de necessidades especiais, surge com a promessa de revolucionar o atendimento educacional a essas pessoas. Defendida por muitos, a educação inclusiva é tida como a solução para o problema da segregação da educação especial, mas na prática todos que estão diretamente envolvidos com esse processo, apesar da teoria ser favorável aos PNEEs, reconhecem que a realidade das escolas do DF ainda engatinha para se tornar que todas sejam inclusivas.

A partir da visão dos direitos humanos e do conceito de cidadania fundamentado no reconhecimento das diferenças e na participação dos sujeitos, essa idéia que não atende aos alunos com grau de severidade importante, vem sendo amplamente discutida aqui no DF. Os Centros que sempre carregaram o estigma de espaços de exclusão hoje são pontos revisados na Câmara dos Deputados com o Plano Nacional da Educação - PNE na meta número 4, que antes se pautava somente pela inclusão, agora abre a possibilidade para o atendimento apenas em classes, escolas ou serviços públicos comunitários a alunos para os quais não seja possível a integração em escolas ditas normais. Assim fica o texto da Lei que garante, na Meta 4, a existência e os investimentos nas escolas especiais:

Universalizar, para a população de quatro a dezessete anos, o atendimento escolar aos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, preferencialmente, na rede regular de ensino, garantindo o atendimento educacional especializado em salas de recursos multifuncionais, classes, escolas ou serviços especializados, públicos ou comunitários, nas formas complementar e suplementar, em escolas ou serviços especializados públicos ou conveniados.

Os profissionais da educação envolvidos no trabalho dentro dos Centros de Ensino Especial - CEEs defendem e continuam na luta pela inclusão de todas e todos. Acreditando que o trabalho pedagógico desenvolvido nos Centros de Ensino Especial é imprescindível tanto para o atendimento complementar à inclusão quanto para o atendimento exclusivo a

estudantes com deficiências, em espaço que são sim de educação para a inclusão social, em qualquer idade e conforme os direitos e desejos destes e de seus familiares. Por isso, devemos todos nos unir em uma só bandeira entendendo que um dos maiores desafios da educação brasileira é atuar como protagonistas para a superação da desigualdade e da exclusão.

2.2 Educação Especial no Centro de Ensino Especial

Com uma caminhada por diversas modalidades (áreas de deficiências) dentro da Educação Especial, não pude deixar de tecer esse referencial tratando de Educação Especial sem ressaltar o texto poético da Maryse Suplino, de que gosto em demasia por retratar com sensibilidade o *aluno* que é parte diversificada do Currículo, porém muitas vezes com um olhar silenciado:

Somos cientistas da ciência mais inexata: Ciência Humana. Nossos procedimentos jamais serão matematicamente infalíveis, uma vez que nosso sujeito É mutável . Nossas técnicas para conhecer e atuar sobre o comportamento do outro serão mais eficazes na medida em que nos conhecermos e nos modificarmos como resposta transformadora de um ser que busca aperfeiçoar-se. Nossos avanços serão medidos não apenas pelos gráficos senão, também, pelas conversas verbais e não verbais com nossos amigos, os quais nos informarão se lhes está sendo gratificante aprender conosco e nossas ações procedimentais deverão ser mescladas com sorrisos, toques e olhares Inerentes a todas as situações onde pessoas se encontram para tecerem juntas uma nova realidade. (SUPLINO, 2005, p.12)

Atuar por anos em Educação Especial é uma experiência que nos refaz como pessoa e nos faz entender o quanto os seres humanos são surpreendentes, ainda nos leva a observar e indagar os diferentes trabalhos realizados dentro de uma mesma escola que tem um Currículo Adaptado pré estabelecido, porém parece ser o trabalho pedagógico regido por várias diretrizes que caminham no tocar de músicas bem distintas.

E nesse longo caminhar aprende-se que realizar um trabalho colaborativo não é algo fácil, uma vez que requer que os envolvidos compartilhem idéias e pensamentos e principalmente se aceitem e se respeitem como pessoas que diferem nas suas opiniões e ações. É preciso que haja a compreensão de que essas opiniões são fundamentais para o crescimento individual e grupal em qualquer trabalho coletivo e em qualquer ambiente

escolar para a prática de um Currículo que valorize as necessidades reais dos educandos, a fim de que haja uma aprendizagem significativa para todos.

É comum refletirmos e tratarmos de escolas com perspectivas inclusivas, pensarmos em Atendimento Educacional Especializado – AEE em escolas comuns, que frequentemente achamos em livros, teses, artigos numa grande teoria que se forma em torno de uma educação para TODOS, em que alguns autores ainda declaram-se opositores de espaços organizados para alunos portadores de necessidades educativas especiais – PNEEs, acreditando que são espaços escolares excludentes, como por exemplo, o relato de Ropoli, do qual se torna discordante mediante o clamor da comunidade que manifesta vontade e direitos, no que se refere a necessidade da existência de Centros (escolas especiais) para o ensino da Educação Especial:

O poder institucional que preside a produção das identidades e das diferenças define como *normais* e *especiais* não apenas os alunos, como também as suas escolas. Os alunos das escolas comuns são normais e positivamente valorados. Os alunos das escolas especiais são os negativamente concebidos e diferenciados. (ROPOLI, 2010, p.7)

A prática em sala de aula no ensino da Educação Especial faz o professor regente reolhar muitas teorias que motivam a usar a voz com propriedade e certeza de um grande somatório na relação prática e teoria. O curso de Gestão Escolar nessa etapa desse trabalho, vem carregada de alegria por entender e ver a possibilidade de tratar de um assunto pouco teorizado e interpretado que é a Educação Especial dentro de um Centro e não de uma escola comum ou classes especiais, onde todos deveriam se igualar por suas diferenças. Nessa discordância de autores e algumas teorias que não revela a realidade dos alunos portadores de necessidades educativas – PNEEs na prática, me resguardo nos anos de profissão e história

s vividas com familiares de alunos especiais e com as indagações vygotskianos, wallonianos e piagetianos, por uma razão bem simples:

Uma teoria científica ou filosófica não vive apenas dos textos do seu autor. Uma vez publicada, ela se torna, justamente, pública, fonte de variadas inspirações e sujeita a diversas interpretações...Além do mais, ao lado da tarefa de compreensão fiel dos dizeres do autor, há outra: ir *além*, no sentido de fazer com que a teoria escolhida permaneça no ciclo da evolução do conhecimento. (YVES e OLIVEIRA, 1992)

Provocada por inquietações que não poderia deixar de colocar nessa pesquisa para diversas interpretações e informações da realidade do Currículo trabalhado nos CEE, busquei compreender como os gestores escolares percorrem seus caminhos para desempenharem seu compromisso com a aprendizagem de todos na escola, já que os Centros que oferecem Ensino Especial para uma parcela da sociedade que já não é mais oculta, hoje é considerado como ambiente escolar de direito dos PNEEs, sendo desmistificado o rótulo que vem carregando de ser uma escola excludente. Negar a Educação Especial nos 13 Centros de Ensino Especial que existem no DF, como estava na discussão da meta 4 do PNE – Plano Nacional de Educação é um ato de falta de bom senso e de exclusão de uma parcela de alunos que tem o direito de estudarem em espaços que se sentem melhor e com garantia de aprendizagem com funcionalidade. A falta de conhecimento da prática curricular desenvolvida nos Centros leva muitos a cometerem atos de exclusão sem perceberem:

Para dizer sem muitos rodeios, o que pretendo afirmar é que, hoje, em nossas sociedades dualizadas, a exclusão é invisível aos nossos olhos. Certamente, a invisibilidade é a marca visível dos processos de exclusão neste milênio que começa. A exclusão e seus efeitos estão aí. São evidências cruéis e brutais mostradas nas esquinas, comentadas pelos jornais, exibidas nas telas. Entretanto, a exclusão parece ter perdido a capacidade de produzir espanto e indignação em boa parte da sociedade. Nos “outros” e em “nós outros”. (Gentili & Alencar, 2003, p. 29)

A Educação Especial realizada dentro dos Centros oferece e recebe alunos com grau de severidade intenso com encaminhamentos de outras escolas comuns, que avaliam a dificuldade na aquisição de variadas habilidades do aluno, e a de permanecer na inclusão de um ambiente que não favorecerá seu desenvolvimento por completo devido o grau de severidade, trata-se de trocar o “faz-de-conta que eu ensino e faz-de-conta que eu aprendo” que Hamilton Werneck traduz pela preocupação real, sincera, de fato comprometida com a construção de conhecimentos.

2.3 Tecendo conceito de Currículo

“O currículo é lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso. O currículo é autobiografia, nossa vida, curriculum vitae: no currículo se forja a identidade. O currículo é texto, discurso, documento. O currículo é documento de identidade.” SILVA, 2004, p. 150.

A palavra currículo é muito familiar a todos nós que trabalhamos nas escolas e nos sistemas educacionais. A familiaridade com o termo, no entanto, faz com que quase não nos dediquemos a refletir sobre o seu sentido. Há entendimentos mais amplos ou mais restritos daquilo que denominamos ou entendemos por currículo, que vão desde os conteúdos a serem ensinados e aprendidos; experiências de aprendizagem escolares a serem vividas pelos alunos; planos pedagógicos elaborados por professores, escolas e sistemas educacionais; objetivos a serem alcançados por meio do processo de ensino; até os processos de avaliação que terminam por influenciar os conteúdos e os procedimentos selecionados nos diferentes graus de modalidade de ensino. Cabe, portanto, à escola cumprir o objetivo antropológico de garantir a continuidade da espécie humana, socializando para as novas gerações o que resulta do seu desenvolvimento cultural, como base para essa continuidade (LIMA, 2006). O currículo é o elemento orientador da organização do trabalho escolar.

Na perspectiva de trabalhar com alunos especiais, assim como para todo tipo de ensino, devemos entender o conceito de currículo, para assim lançarmos mão desse importante caminho de organização da escola em nossa prática de forma significativa. O Currículo, segundo a professora Najla Veloso, “é o conjunto de princípios, de valores, é a organização do trabalho pedagógico e dos saberes: é a história da vida da escola, é tudo o que constitui o caminho percorrido com vistas aos objetivos e finalidades que se pretendem alcançar, e ainda foi muito poetisa em conceber um conceito de currículo bem autêntico, quando afirma que:

Analogicamente falando, eu diria que o Currículo pode ser entendido como um retrato da escola, do mesmo jeito que uma tomografia computadorizada pode ser vista como um retrato do cérebro. Nesse sentido não é suficiente pensar a escola apenas na sua estrutura física ou organizacional. (VELOSO, 2006, p.66/67)

Currículo não é, portanto, somente declaração de áreas, conteúdos e metodologias. Pensar os currículos de uma escola pressupõe, então, viver seu cotidiano, que inclui, além do que é formal e tradicionalmente estudado, toda uma dinâmica das relações estabelecidas. O currículo segundo Moreira e Silva (orgs), há muito tempo deixou de ser apenas uma área meramente técnica, voltada para questões relativas a procedimentos, técnicas, métodos. Já se pode falar agora em uma tradição crítica do currículo, guiada por questões sociológicas, políticas, epistemológicas. Embora questões relativas ao “como” do currículo continuem importantes, elas só adquirem sentido dentro de uma perspectiva que as considere em sua relação com questões que perguntem pelo “por quê” das formas de organização do conhecimento escolar.

Dentre as várias especificidades e dimensões do currículo que hoje são tratadas nesse campo, foram criadas várias expressões para traduzir essas especificidades segundo (SANTOS; PARAÍSO, 2000, p. 68):

- a) **currículo oficial**, aquele que é planejado oficialmente para ser trabalhado nas diferentes disciplinas e séries de um curso. São as propostas curriculares das Secretarias de Educação, os PCN e as que constam nos livros didáticos elaborados a partir destas propostas.
- b) **currículo formal** é o que abrange todas as atividades e conteúdos que são planejados para serem trabalhados em sala de aula, incluindo o currículo oficial
- c) **currículo oculto** é aquele não planejado, que acontece sem intenções. São normas e valores implícitos nas atividades escolares, construídas de práticas ou mensagens não-explicitas
- d) **currículo explícito** é o contrário do oculto. É aquele que representa a dimensão visível do currículo, ou seja, as aprendizagens alcançadas e promovidas através do ensino
- e) **currículo vazio** ou **nulo** se constitui nos conhecimentos ausentes do currículo formal, como também do currículo real. O currículo vazio abrange os conhecimentos prévios que são importantes para a compreensão da realidade e para atuação nela.

A diferença entre vários níveis de currículo serve para mostrar que o que os alunos aprendem na escola ou deixam de aprender, depende de muitos fatores e não apenas das disciplinas previstas na grade curricular. Assim, o currículo aqui analisado - Funcional, está contido na dimensão do currículo oficial, como proposta das diretrizes da Educação Especial.

Falar e pensar em alternativas curriculares, sobretudo pensando-as como possibilidade de contribuição para a formação da subjetividade e da identidade, pressupõe compreender o currículo não apenas como uma lista de conteúdos a ser ministrada a um determinado grupo de sujeitos, mas também como criação cotidiana daqueles que fazem as escolas e como prática que envolve todos os saberes e processos interativos no trabalho pedagógico realizado por alunos, professores e todos envolvidos no processo educativo.

.

2.4 A importância do Currículo no Centro e suas adaptações

As inquietações sobre o que ensinar e o que aprender quer seja em trabalhos individuais, quer seja no coletivo, acompanham os professores no dia a dia de suas práticas educativas, mesmo com tantas leis, orientações e diretrizes que incentivam as escolas montarem seu próprio currículo. O currículo como ferramenta importante dentro de uma escola, é mais um desafio a ser considerado na educação, é quem define o que e como a escola deve ensinar, observando que

o currículo é um campo do conhecimento pedagógico no qual se destacam as experiências escolares em torno do conhecimento, levando sempre em consideração a especificidade da escola, em meio a relações sociais e a sua contribuição para a construção das identidades dos estudantes. (MOREIRA e CANDAU, 1996).

Quando as especificidades da escola são observadas o tipo de currículo a ser empregado na prática escolar, ganha autonomia na construção dos projetos _ PPP /proposta pedagógica, isso diminui a distância que os currículos prontos, causam na necessidade de ensino em cada escola. Nesse sentido, sabemos que o processo de elaboração curricular exige uma dinâmica constante de construção e reconstrução do currículo, com base em

diretrizes para a sua organização em caráter nacional. Para facilitar o norteamento da prática educativa temos como recursos as Diretrizes Curriculares Nacionais - DCNs e os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs. Enquanto as DCNs são leis, dando as metas e objetivos a serem buscados em cada área de ensino, os PCNs são apenas referências curriculares, não leis. As Diretrizes Curriculares definidas em norma nacional pelo Conselho Nacional de Educação são orientações que devem ser necessariamente observadas na elaboração dos currículos e dos projetos político-pedagógicos das escolas. Essa elaboração é, contudo, de responsabilidade das escolas com a indispensável participação das famílias, dos estudantes e dos gestores escolares. Hoje temos a compreensão de grandes movimentos em prol da elaboração e utilização de currículos escolares com significação e urgência do que realmente o aluno necessita aprender.

Os Centros de Ensino Especial lançam mão do documento de Diretrizes Pedagógicas da SEDF- 2009/2013 (p.66 a 87 trata do Ensino Especial) no qual esta pautado o nosso trabalho pedagógico, utilizando o Currículo Funcional, que é organizado, conforme previsto nas Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (2001, p.58).

Na minha escola o Projeto Político Pedagógico é construído coletivamente (mesmo com uma participação mínima dos pais) valorizando-se a potencialidade e não a incapacidade dos nossos alunos, primando pela formação de identidade, a inclusão social e o respeito às diferenças. Com isto, a sociedade como um todo só pode beneficiar-se. Mesmo sendo um currículo silenciado, a Educação Especial, que permeia por todos os níveis de ensino, em vez de pressupor que o aluno deva ajustar-se a padrões de ‘normalidade’ para aprender, aponta para a escola o desafio de ajustar-se para atender à diversidade de seus alunos.

2.5 Função social do Centro de Ensino Especial

Tratar sobre um fenômeno que nos acompanha ao longo da vida que é a Escola/Educação nos remete ao direito que temos desse fenômeno, entendendo que o movimento histórico desses dois passa por momentos de avanços, estagnação e novos processos de avanços. O acesso ao ensino escolar formal faz parte do processo de educação dos indivíduos e é um direito fundamental do ser humano que deve ser garantido pelo Estado, como explícito nos variados documentos legais existentes hoje em nossa sociedade, oriundos da necessidade de lutar pelo direito a educação, que antigamente não era garantia de todos, e sim de uma minoria.

Historicamente sabemos que a educação, até então organizada para atender uma parcela reduzida de indivíduos, torna-se necessária e objeto integrante dos interesses coletivos, revelando-se parte dos direitos dos cidadãos, como incitado em nossa lei maior no art 205º. - A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade... Como gestora, reflito minha atuação analisando tal lei na fala de Cury: 2002, p.3: Mas como se trata de um direito reconhecido, é preciso que ele seja garantido e, para isto, a primeira garantia é que ele esteja inscrito no coração de nossas escolas cercado de todas as condições. (Texto Base – UnB)

E a escola há muito tempo vem deixando de ter condições e de ser atraente. Lembro-me que, quando pequena, a escola tinha algo diferente, sempre fora para mim um espaço de surpreender, cativar, conquistar os estudantes a todo o momento. Hoje, as escolas não entusiasmam mais seus participantes como outrora, e para que ela se torne agradável e interessante, segundo Moran 2003, a escola precisa re-aprender a ser uma organização efetivamente significativa, inovadora, empreendedora e encantada acima de tudo. Nem professores, gestores e nem mesmo a comunidade desempenham seus papéis para promover e assegurar o direito a educação com a justiça e a dignidade que queremos realmente nas escolas. A teoria nos diz que a função social da educação escolar tem que ter contribuição do Estado, com a colaboração da família e da sociedade para ser desempenhada, mas na prática

o que temos de educação de qualidade, de direito pouco tem haver com os princípios e regras elencadas nas políticas educacionais, por isso se faz necessário o engajamento para mudanças em nossas escolas nas gestões participativas de hoje, bem como esclarece Ropoli:

Para atender a todos e atender melhor, a escola atual tem de mudar, e a tarefa de mudar a escola exige trabalho em muitas frentes. Cada escola, ao abraçar esse trabalho, terá de encontrar soluções próprias para os seus problemas. As mudanças necessárias não acontecem por acaso e nem por Decreto, mas fazem parte da vontade política do coletivo da escola, explicitadas no seu Projeto Político Pedagógico - PPP e vividas a partir de uma gestão escolar democrática. (ROPOLI, 2002, p.10)

Hoje, não mais como estudante vislumbrada com o espaço escolar, mas como atora de um cenário ainda em luta pelo básico de acontecimentos significativos, entristeço-me, mas não esmoreço diante da falta de ética, de afetividade e do humano que cada vez menos é incorporado nas ações de quem detém o poder nas mãos. Nos Centros o direito a educação e permanência dos alunos especiais é anualmente ameaçada pelo Estado por questões políticas e econômicas. . E essa luta não é partidária e sim coletiva, em prol de uma parcela da população que necessita de uma escola adequada para seus filhos e que entendem que os Centros de Ensino Especial são Escolas que fazem inclusão social e que esses estudantes e familiares têm o direito de escolher a instituição educacional mais adequada para as suas necessidades!

Na construção do Projeto Político Pedagógico em minha escola a busca e o respeito pela igualdade de condições é primordial, mas precisamos ainda, nos desvelar da perpetuação de ações picaretas e pouco profissionais que descaracterizam o sucesso no ambiente escolar. Em meu contexto escolar, procuro ofertar aos meus alunos horas de interesse e prazer de estar na escola, seguindo alguns pontos que garantem uma educação significativa, que vai da organização do espaço até a avaliação. Sei que cabe em minhas mãos, uma parcela da transformação!!

2.6 O Gestor Escolar e o Currículo Funcional como outro caminho

O Currículo Funcional é uma proposta curricular destinada ao ensino de pessoas com autismo e com outras necessidades especiais, iniciada na década de 80, a partir de uma parceria entre as doutoras Liliana Mayo do Centro Ann Sullivan do Peru e Judith Leblanc.

Em 1990, a Dra Leblanc passou a usar a nomenclatura Currículo Funcional Natural, mais tarde denominou-o Currículo para a vida. No Brasil essa metodologia é utilizada aproximadamente há mais de 10 anos. O Currículo Funcional está proposto como um conjunto de habilidades a serem ensinadas e procedimentos de ensino a serem implementados pelo professor.

A partir do texto “Currículo para comportamentos adequados e aquisição máxima de habilidades” (LeBlanc, 1998) – apud Suplino, 2005, são apontados dos procedimentos básicos para que ocorra a aprendizagem:

- 1-O educador deve ensinar com entusiasmo e motivação.
- 2-O tom de voz e a linguagem usada com o aluno devem ser o mais natural possível, sem gritos e tons muito altos.
- 3- As habilidades do aluno devem ser mais enfatizadas que suas fraquezas. O “não” deve ser pouco usado.
- 4- A atenção do aluno deve ser garantida antes de ser dada uma ordem ou fazer um pedido.
- 5- As ordens dadas devem ser claras.
- 6- As ordens dadas devem ser apenas aquelas indispensáveis.
- 7- As ordens não devem ser repetidas mais de duas vezes.
- 8- Deve ser dado um tempo suficiente para a resposta do aluno.
- 9- O educador deve manter-se calmo..
- 10- O educador deve brincar e interagir como um amigo com seu aluno.
- 11- Elogios devem ser descritivos, quando necessário.
- 12- Ajudas físicas devem ser evitadas, de forma a dar ao aluno a oportunidade de fazer sozinho.
- 13- Os interesses do aluno devem ser aproveitados para ensino de novas habilidades.

O Currículo Funcional é um caminho que visa à melhoria da qualidade de vida de pessoas com deficiência mental a fim do alcance satisfatório de uma inclusão social. De um modo geral, trata-se de um amplo empreendimento de ensino projetado para oferecer oportunidades para os alunos aprenderem, as habilidades que são importantes para torná-los independentes, competentes, produtivos e felizes em diversas áreas importantes da vida,

familiar e em comunidade. Porém, nas práticas realizadas nos Centros é comum o currículo não ser proposto de maneira funcional e significativa nos planejamentos de sala de aula. Para Suplino, 2005 a escola, por sua vez, encontra-se num impasse semelhante, porque se por um lado procura encontrar tarefas que sejam adequadas às idades de seus alunos, quando da elaboração dos currículos, na maioria das vezes, centra-se em atividades acadêmicas, tarefas que, muitas vezes, estão completamente distantes da realidade vivida pelos alunos e que, portanto, tornam as aulas enfadonhas fazendo com que a frequência de comportamentos inadequados aumente.

Muitos professores com despreparo frente as especificidades dos alunos não valorizam o currículo oculto que os alunos trazem consigo como qualquer outro aluno normal, quando tentam desenvolver atividades mecânicas que não despertam interesse nos alunos causando inclusive crises comportamentais. Devemos pois, nas atividades propostas tentar ao máximo trazer para sala de aula objetivos que envolvam ações naturais como nos alerta SUPLINO (2005, p. 26):

A maior parte dos comportamentos que exibimos foi aprendida. Nos foi ensinada de forma direta ou indireta. São habilidades que, em sua maioria, nos inserem no grupo social. Como exemplo podemos citar nosso modo de andar, sentar, falar, vestir, etc. Estamos tão acostumados a conviver com tais comportamentos, recebê-los e repassá-los (muitas vezes involuntariamente) que, por vezes esquecemos que foram aprendidos, naturalizando-os.

A idéia básica é que o ensino esteja orientado para promover a interação significativa desse aluno com o meio em que vive. A oportunidade de fazer escolhas, tomar decisões e expressar preferências são aspectos bastante negligenciados em programas educacionais para as pessoas com limitações intelectuais. Nos Centros os gestores precisam estar abertos a promover condições dessas ações que fazem parte de uma gestão democrática que admite a organização da escola como princípio básico no bom funcionamento de toda equipe. Assim, LIBÂNEO, 2001, p.48 manifesta sobre a organização curricular:

Uma educação multicultural requer que a decisões da equipe escolar sobre objetivos escolares e organização curricular *reflitam* os interesses e necessidades formativas dos diversos grupos sociais existentes na escola (a cultura popular, o urbano e o rural, a cultura dos jovens, a cultura de homens e mulheres, brancos, negros, das minorias étnicas, dos alunos com necessidades especiais).

Como metodologia o que o gestor tem atualmente de intervenção pedagógica na educação especial foge, não na sua totalidade, a funcionalidade dos procedimentos elencados no Currículo Funcional, que surgiu não como imposição, mas como mais uma ferramenta para uso dos professores e principalmente dos pais, necessitando que a gestão reconheça esse caminho na construção dos projetos da escola articulando a proposta entre toda a comunidade para eficácia no ensino-aprendizagem de todos os alunos.

O Currículo Funcional é uma proposta que prevê estratégias que facilitem a participação do aluno em todas as etapas do seu desenvolvimento. Para atingir o processo de ensino aprendizagem no Currículo Funcional, torna-se importante a participação da família e à interação amistosa entre o professor e o aluno que são os agentes do processo ensino-aprendizagem. Os professores habilitados para atuarem nos Centros, em sua grande maioria não lançam mão desse currículo em sala de aula, é comum fazerem indagações do tipo: “Isso aí funciona mesmo? Acontece? É possível fazer?” A resposta para essas questões é afirmativa. É necessária, porém, uma mudança de perspectiva frente ao que se considera ensinar às pessoas portadoras de deficiência e disso impera nos Centros um currículo oculto, mudança nas formas de pensar cristalizadas que podem nos remeter a um modelo de educação especial pré-concebido, onde muitas vezes a ênfase está centrada nas limitações. Deveríamos, entretanto, nos ater às possibilidades, alternativas, saídas criativas para que o ensino possa ser efetivado com êxito. O gestor é o responsável pela criação de um ambiente acolhedor, que viabilize a aprendizagem de todos num trabalho educacional significativo, mas é essencial que ele envolva equipe, pais e alunos em torno desse objetivo. O gestor escolar e seu compromisso com as aprendizagens de todos na escola.

Nas Diretrizes Pedagógicas da SEE/DF essa proposta foi adotada conforme previsto na LDB atual (lei 9394/96), capítulo V artigo 59. A palavra funcional se refere a maneira como os objetivos educacionais são escolhidos para o aluno enfatizando que aquilo que ele vai aprender tenha utilidade para sua vida a curto ou a médio prazo. Nas palavras de Leblanc (SUPLINO, 2005, p.33), “tornar o aluno mais independente e produtivo e também mais aceito socialmente”.

O currículo funcional, na educação especial, pode ser analisado no artigo: A Educação Especial no Marco do Currículo Escolar, Miranda (2000), diz que

a adequada resposta às necessidades educativas especiais e comuns dos alunos exige dispor de um projeto educativo na escola, compartilhado por toda a comunidade educativa que assuma, tanto a nível conceitual, como metodológico e organizacional, a diversidade como fator inerente a todo grupo humano.

Esse projeto escolar deve dar sentido a todas as atuações e serviços que possam precisar aos alunos, tendo sempre as situações mais inclusivas possíveis no ensino regular. Os recursos precisos para esta situação educativa, em quantidade suficiente e com a qualidade requerida em cada caso devem ser os recursos da escola, a qual deve assegurar a atenção específica aos alunos que dela precisam. Para isso, a identificação das necessidades educativas de um aluno constitui ponto de partida para a determinação da atuação educacional que se concretiza no currículo escolar, assim como os recursos pessoais e materiais precisos para o processo educativo. Miranda (2000), também salienta a participação, como recurso essencial, dos pais que deve ser assegurado, que essa colaboração entre família e escola tem conhecidos efeitos positivos no desenvolvimento educativo de alunos com necessidades educativas especiais.

Ainda no mesmo viés, o currículo se sustenta em representações sociais presentes na cultura na qual se dão à teoria e a prática do currículo. Representações entendidas como idéias, conhecimentos, modos de agir que devem ser reproduzidos e produzidos para se assegurar o funcionamento de um tipo de sociedade que necessita de afeto no cotidiano escolar, pois para os que fazem uso do espaço de escola especial, Suplino 2005, enfatiza que o aspecto afetivo deve ser sempre levado em conta, ao trabalharmos em Educação Especial. Este fator, entretanto, deverá estar articulado com as demais perspectivas que atravessam as ações humanas resultando em estratégias mais amplas com poder de alcance mais global

2.7 O Gestor e a família em parceria na efetivação do Currículo Funcional

A parceria entre família e escola é essencial para o crescimento do aluno, pois essas duas instituições são responsáveis por preparar o indivíduo para enfrentar as dificuldades que são impostas pela sociedade. Na escola é fácil observar a angústia dos pais de alunos especiais frente o que trabalhar com seus filhos. A participação de pais na vida escolar dos filhos é reconhecida por muitos educadores como um fator importante para o rendimento do aluno em sala de aula, influenciando, portanto no desempenho das atividades educativas, tanto

como para amenizar as expectativas dos familiares em suas casas. O trabalho na Educação Especial tem toda sua especificidade, no que diz respeito a parceria família/escola como no diz Suplino (2005, p 25), observa-se que:

As famílias anseiam por aprender como lidar com seus filhos. Logicamente, o conteúdo afetivo encontra-se presente. Entretanto, os pais procuram, também, por saídas práticas que os ajudem a conviver melhor com seus filhos em casa e na comunidade.

Muitas vezes os pais de alunos muito comprometidos não visualizam crescimento no desenvolvimento de seus filhos porque o trabalho curricular aplicado na escola não condiz com a necessidade cotidiana do aluno. Para que o currículo aplicado na escola seja efetivo em seus objetivos faz se necessário, portanto que o gestor viabilize um ambiente de parceria entre a escola e os pais. Essa seria a situação natural, onde no início dos trabalhos letivos a comunidade deveria ser, pela gestão escolar, chamada a participar entender que o Currículo Funcional para ser alcançado necessita que o que é aplicado na escola deve ter continuidade em casa e vice-versa, para que o aluno em seu comprometimento tenha possibilidade de relacionar sua aprendizagem com uma situação real vivenciada. Nesse desafio para o gestor escolar Lima (2012, p.67) afirma que:

A leitura e releitura dos currículos entraram na pauta obrigatória desse novo diretor de escolas. Ele, que já compreendeu seu papel transcende resolver apenas as burocracias, precisa de forma inadiável e inalienável desencadear um processo de discussão e enriquecimento constante de dinâmica curricular no processo pedagógico da escola.

A filosofia do Currículo Funcional vê a participação da família no processo educacional da pessoa especial como peça fundamental para o avanço da mesma. Na Educação Especial o trabalho da família é atribuído como fundamental no trabalho que o professor realiza em sala de aula. É uma questão simples se pensarmos que a maior parte do tempo a pessoa especial esta com a família. Muitas vezes as famílias explicitam um sentimento de impotência no que tange a educar seus filhos especiais. Acreditamos que tal sentimento pode ser modificado através de um trabalho onde haja real parceria e intercâmbio de informações entre escola e família. Que as técnicas e procedimentos utilizados para ensino possam ser conhecidos e compartilhados pelos pais, no entanto esclarece Suplino (2005, p. 41) que nessa parceria escola/família:

É importante que fique claro, que não se trata de retirar dos pais sua identidade e características inerentes ao seu papel para torná-los terapeutas dos filhos. É, antes,

abrir as portas do desconhecido mundo das terapias e orientar os pais quanto a procedimentos simples e determinantes para a aprendizagem dos filhos. Procedimentos que poderão utilizar e ajudar a seus filhos no processo educativo, além de garantir a generalização, uma vez que possa dar oportunidades no ambiente familiar para que os filhos continuem praticando o que aprenderem na instituição.

É fundamental que todos os segmentos escolar conheçam as concepções e definições sobre Currículo, que possam discutir tantos os processos quanto os resultados das propostas curriculares empregadas para o desenvolvimento funcional do aluno PNEEs. O Currículo Funcional necessita de um trabalho conjunto com a família, para que as estratégias utilizadas na escola estejam ligadas às expectativas dos pais e necessidades pedagógicas e sociais do alunado. Nesse sentido a parceria família/escola na aplicação de um currículo que seja funcional na vida diária do aluno especial, deve ser vista como um recurso na organização da escola, como aponta Libâneo (2001, p. 90):

Isso significa que não se pode por em dúvida o espaço específico e autônomo dos professores mas, por outro lado, se estes forem seguros de seu papel, sua dignidade profissional não ficará abalada com a discussão pública sobre seu trabalho, já que o envolvimento dos pais não é só legítimo como necessário. Somente a prática pode ajudar a esclarecer estes problemas, de modo a encontrar formas de acordo mútuo e de ajuda recíproca, melhorando a organização do trabalho escolar e o trabalho dos profissionais em função da qualidade cognitiva operativa, social e ética do processo de ensino e aprendizagem.

Assim, a gestão do currículo, como instrumento que organiza o conhecimento historicamente acumulado, hoje constitui-se num processo significativo para a vida atual que abrange o contexto cultural e social, devido seu processo multicultural que os gestores escolares não podem deixar de abranger.

2.8 O Currículo Funcional como Construto social (inclusão) e a gestão escolar

O currículo não apenas representa, ele faz; é preciso reconhecer que a inclusão ou exclusão no currículo tem conexões diretas com a inclusão ou exclusão na sociedade. (GOODSON, 1995)

No campo do currículo os estudos sobre a cultura escolar, a cultura que a escola privilegia, as diferenças culturais e as relações entre esses elementos assumem, de forma crescente um grande privilégio. Segundo Giroux (1983), abordagens curriculares predominantemente tecnicistas e instrumentais, que ignoram a dimensão histórica, ética e política do currículo e do conhecimento, precisavam ser revistas. É nessa perspectiva que a Educação Especial, assim como as outras modalidades de ensino, trabalha o currículo funcional no Centro mesmo muitos profissionais da área ainda aplicarem esse recurso de maneira distante das vivências dos alunos especiais, onde muitos sem planejamento desenvolvem o currículo que querem, muitas vezes na EE nem lançam mão dessa ferramenta, onde cada professor atua isoladamente em suas salas de aulas.

A gestão escolar do Centro comprometida com o desenvolvimento de um currículo que favorece a aprendizagem de todos e que tem por objetivo ir além das questões burocráticas, compreende a gestão como uma a unidade da escola e não algo isolado, pois na nossa sociedade a educação é algo que faz com que as pessoas interajam entre si, sendo necessário para essa integração adequação de comportamento e parceria da família dos PNEEs com os professores. Como Azevedo (2000, p.86) pontua:

A pedagogia da participação é instrumento de valorização de ação coletiva e solidária, de conquistas simbólicas e materiais dos grupos. Ao mesmo tempo é um instrumento pedagógico, possibilita o conhecimento do contexto sócio cultural que interage como o Currículo escolar, tornando-o significativo, dando sentido às aprendizagens construídas a partir das estratégias de mediação propostas e operadas pelos educadores.

No Centro de Ensino Especial o currículo funcional é uma construção social, por estar inteiramente vinculado ao momento histórico dessa sociedade em conjunto com às relações de conhecimento que os alunos necessitam para adquirir habilidades no meio social. Nesse sentido, a educação e currículo são vistos intimamente envolvidos com o processo cultural, como construção de identidades. Para tanto, precisariam levar em conta as diferentes identidades culturais tendo em mente não só as condições socioeconômicas da população escolar, mas também suas raízes diferenciadas. O currículo dentro das diretrizes pedagógicas da Educação Especial é entendido como um campo de desenvolvimento social, para que questões atuais do desenvolvimento da humanidade sejam enfrentadas por essas famílias especiais, onde os gestores preocupados com esse currículo como construto social

viabilizem e articulem atitudes nos profissionais e nas famílias do Centro para que a escola efetivamente participe de uma construção mais humana da sociedade.

A gestão escolar do centro de Ensino Especial possui enormes desafios quanto aos objetivos de chamamento de participação e da veiculação de informações curriculares na educação da pessoa com deficiência e seus desdobramentos para a inclusão social desta população, que é amparada por leis que determinam formas que a sociedade deve obedecer no convívio com pessoas com deficiência. O trabalho voltado para um currículo que atenda as necessidades atuais dos alunos, solicita da gestão da escola uma organização e planejamentos prévios para atender os interesses da comunidade do PNEEs quanto sua inclusão na vida social. Todo e qualquer planejamento seja dentro ou fora do ambiente escolar deve ser em consonância com as expectativas dos familiares que vivenciam no meio social comportamentos inaceitáveis de seus filhos (como por exemplo tirar a roupa em público) e não sabem como lidar com a situação fora de casa. Trabalhar o currículo funcional de maneira a utilizar procedimentos que diminuam os transtornos de comportamentos dos alunos, para uma inserção no convívio social, requer da gestão, juntamente com todo segmento escolar, avaliação constante do processo de ensinar conduzindo o professor a julgar a eficácia dos procedimentos.

3 METODOLOGIA

“A vida não surgiu no planeta pela competição, mas através da cooperação, das parcerias e formação de redes”.

(CAPRA, 1982, p. 51)

O presente trabalho constitui-se em uma pesquisa qualitativa e estudo de caso, com aplicação de questionários aos gestores, supervisor e coordenador pedagógico, professores regentes e pais da Escola Centro Motivador Social, situado SGAS 911/912 ASA SUL, que oferece atendimento escolar para alunos com necessidades especiais - PNEEs maiores de 14 anos de idade, que moram no Plano Piloto e a maioria nas regiões administrativas do DF.

O problema levantado para este estudo consistiu em analisar como é realizada a aplicação do Currículo Funcional em um Centro de Ensino Especial do Distrito Federal, bem como o conhecimento e a aceitação das famílias dos alunos com necessidades educativas especiais dessa proposta curricular.

Utilizando-se o critério de classificação, proposto por Vergara (2007), é possível qualificar a pesquisa em relação a dois aspectos: quanto aos fins e quanto aos meios de investigação. Quanto aos fins, a presente pesquisa será exploratória. Isso porque esse tipo de pesquisa favorece o conhecimento de um fenômeno com a finalidade de torná-lo mais explícito. Nesta pesquisa pretende-se através de questionário conhecer como professores e familiares de alunos com necessidades especiais educativas aplicam o Currículo Funcional em parceria.

Esse trabalho foi realizado para por meio da pesquisa qualitativa e estudo de caso. Para Ludke e André (1986) a pesquisa qualitativa pode assumir várias formas, destacando-se, principalmente, a pesquisa etnográfica e o estudo de caso. Ambas vêm ganhando muita aceitação e credibilidade na área da educação, mais precisamente para investigar questões relacionadas com a escola. Em vista disso, optei por coletar dados na escola Centro motivador Social, fazendo uma investigação que se caracteriza pelo estudo de caso. Ponte (1994, p.3) caracteriza o estudo de caso da seguinte maneira:

Um estudo de caso pode ser caracterizado como um estudo de uma entidade bem definida como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa ou uma unidade social. Visa conhecer em profundidade o seu “como” e os seus “porquês” evidenciando a sua unidade e identidade próprias. É uma investigação que se assume como particularista, isto é, debruça-se deliberadamente sobre uma situação específica que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico.

A pesquisa será analisada qualitativamente, através do método de Análise de Conteúdo. De acordo com Bardin (1977, p. 38), “a análise de conteúdo aparece como um conjunto de técnicas de análises das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”. O importante é captar a mensagem que esses conteúdos estão transmitindo o que se pode aprender com essas mensagens e onde elas serão relevantes para pesquisa. Sabe-se da complexidade da proposta da análise de conteúdo, mas será utilizada suas idéias principais para categorizar e identificar nos discursos da família e dos professores a opinião e conhecimento sobre a aplicação do Currículo Funcional nos Centros de Ensino Especial.

Nessa pesquisa pretendo investigar soluções propostas ao problema aqui tratado, para a comunidade escolar, no desejo e na busca de tornar essa pesquisa um instrumento de ação-reflexiva que evidencia a importância do trabalho coletivo realizado em parceria com a família do aluno PNEEs, para que o Currículo oferecido nos Centros seja de fato aplicado e tenha significação real no processo ensino-aprendizagem.

2.9 Participantes da pesquisa

Os colaboradores para análise da aplicação do Currículo Funcional no CEE foram escolhidos após uma conversa inicial para apresentar os objetivos da pesquisa e explicar qual metodologia e o que se pretende.

Os participantes da pesquisa moram na referida comunidade, estão inseridos na faixa etária entre 30 a 80 anos, onde os profissionais da educação são todos servidores efetivos da Secretaria de Educação, graduados e pós-graduados com no mínimo 10 anos de experiência em sala de aula e o segmento de pais possuem grau de escolaridade diversas.

Assim, contribuíram com a pesquisa os seguintes colaboradores:

- a) 4 gestores escolar –
 - Diretor e vice-diretora escolar, supervisora pedagógica e coordenadora pedagógica – com formação específica para EE
- c) 10 (dez) Professores –
 - regentes com especialização em turmas de DI (Deficiência intelectual) e 5 regentes de TGD (Transtorno Global de desenvolvimento: autistas)
- d) 5 Pais da comunidade escolar –
 - pais que estão com alunos inseridos no Centro há 10 anos ou mais.

A coleta de dados só será oferecido àqueles que mostrarem interesse e aceitação em participar da pesquisa, onde sua identificação ficará no anonimato.

2.10 Procedimentos da coleta de dados

A pesquisa será descritiva e de cunho qualitativo, em cujo desenvolvimento será utilizada, a revisão bibliográfica, e na pesquisa de campo a coleta de dados em fontes documentais com a intenção de fazer agrupamentos de dados, apresentar, descrever, comparar e analisar os dados obtidos nas respostas de todos os segmentos da escola, que utilizam diretamente a proposta curricular no trabalho pedagógico.

2.11 Análise dos dados

A análise dos dados esteve sempre relacionada com as questões levantadas e estabelecidas no início do estudo. Essa etapa é um processo de organização de dados, onde se devem salientar os aspectos essenciais e identificar fatores chave.

Os dados quantitativos obtidos serão tratados na tabulação, que segundo Marconi e Lakatos (2003, p.167) :

é a disposição dos dados em tabelas, possibilitando maior facilidade na verificação das inter-relações entre eles. É uma parte do processo técnico de análise estatística, que permite sintetizar os dados de observação, conseguidos pelas diferentes categorias e representá-los graficamente.

2.12 Organização, análise e interpretação dos dados

Por entender que todos que atuam na escola dão a sua contribuição no currículo que é exercido dentro das escolas, foi aplicado questionário para alguns segmentos de uma escola pública de Educação Especial denominada – Centro Motivador Social, que atende alunos PNEEs maiores de 14 anos de idade, situada na Asa Sul.

O questionário composto por perguntas fechadas e abertas foi distribuído e aplicado no mês de Abril de 2014, a 3 grupos assim organizados para análise dos gráficos:

- Grupo **A** – contendo 10 (dez) pais ou responsáveis
- Grupo **B** – 5 (cinco) gestores (2 coordenadores, diretor, vice-diretora e orientadora pedagógica).
- Grupo **C** - 10 (dez) professores regentes.

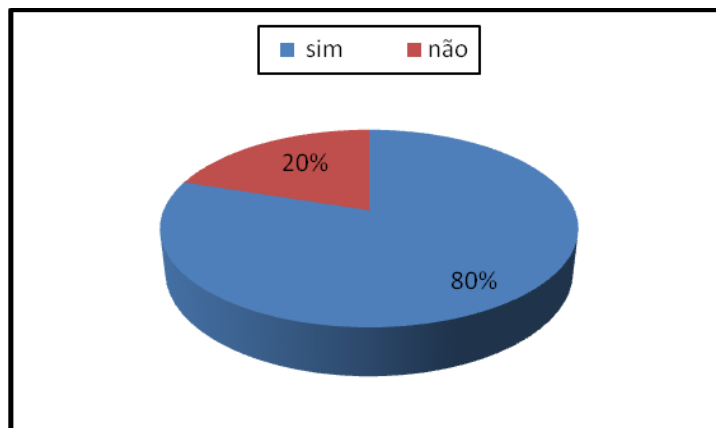
Todos os participantes responderam solícitamente todas às perguntas do questionário e o devolveram à pesquisadora.

Pela análise dos gráficos construídos a partir da tabulação dos dados informados no questionário foi possível alcançar os objetivos desta pesquisa, ou seja, analisar como os Gestores e professores do CEE percebem a Proposta Curricular realizada no Centro, conhecendo assim as representações dos pais, acerca do Currículo Funcional desenvolvido na Educação Especial, conforme Diretriz Curricular da SEE/DF. A seguir encontram-se as respostas obtidas dos colaboradores da pesquisa:

- **A - Pais ou Responsáveis dos alunos PNEES**

1 - Você sabe o que é currículo escolar?

GRÁFICO A1



Fonte: pesquisa de campo – Vieira, Perpétua Cipriano. Brasília, 2014.

Por observar que muitos professores e gestores ainda atuam sem ter o domínio das questões conceituais sobre currículo, a pesquisa foi iniciada entre todos os participantes referindo-se sobre o conhecimento desse procedimento. Analisando o gráfico 1, a maioria dos pais - 80% indicam que sabem o que é Currículo escolar e somente 20% dos pais foram afirmativos em dizer que não sabem o que é currículo. E na questão aberta aos professores e gestores para conceituarem Currículo a maioria descreveu esse processo como sendo um documento a ser seguido pela escola na aprendizagem dos alunos. Com esse resultado fica claro que precisamos mudar nossos conceitos. Assim, como nos alerta no referencial teórico, Lima (2012, p. 67):

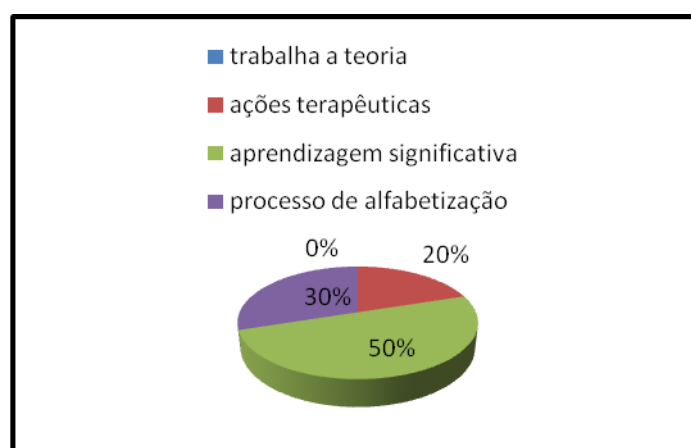
A concepção e a visão tradicional do currículo como uma sequência de conteúdos que devem ser vencidos e cobrados por meio de provas ao final de cada período não bastam para que a escola cumpra com seu papel no momento histórico que vivemos. A leitura e releitura dos currículos entraram na pauta obrigatória desse novo diretor de escolas.

Em relação aos pais que responderam que não sabem o que é currículo, podemos dizer que cabe aos gestores da escola que tem o chão na democracia partilhar com urgência

tais conhecimentos na construção do Projeto da escola que faz parte da organização desse espaço.

2 - Marque apenas uma alternativa que mais se aproxima do que você entende por Currículo funcional aplicado no Centro:

GRÁFICO A2



Fonte: pesquisa de campo – Vieira, Perpétua Cipriano. Brasília, 2014.

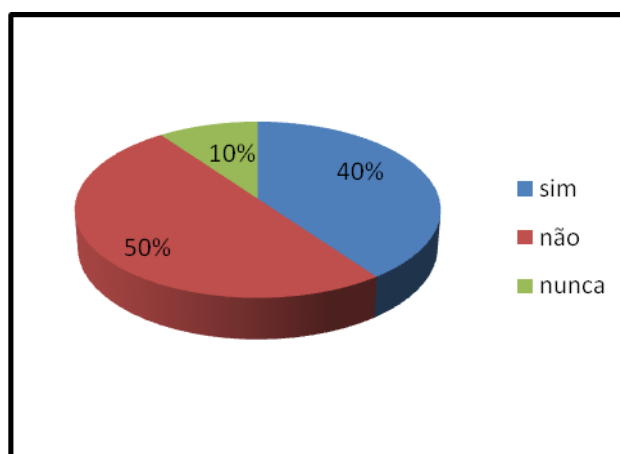
Essa questão foi feita a todos os segmentos da pesquisa uma vez que se refere ao conceito do Currículo Funcional desenvolvido na Educação Especial. A pesquisa revela que os todos os segmentos em sua grande maioria entende o Currículo Funcional aplicado no Centro de Ensino Especial como sendo aprendizagem significativa. Sendo 100% dos gestores e professores e 50% de pais ou responsáveis. No gráfico A2, do grupo dos pais podemos ainda perceber que tal segmento se divide ao falar do conceito de currículo que é oferecido ao seu filho onde 30% indicou o currículo como processo de alfabetização, sendo que tal currículo prima primeiro pela significação da aprendizagem em sua funcionalidade para o PNEEs e 20% apontou um conceito equivocado do que é desenvolvido dentro da sala de aula. Nos Centros o papel do professor é pedagógico e não terapêutico, cabendo aqui reflexão para que a escola apresente no início do ano letivo que tipo de trabalho é desenvolvido no interior dos Centros – CEE.

Nessa análise retomo o exposto no referencial teórico quando para Suplino, (2005, p.34):

a escola, por sua vez, encontra-se num impasse semelhante, porque se por um lado procura encontrar tarefas que sejam adequadas às idades de seus alunos, quando da elaboração dos currículos, na maioria das vezes, centra-se em atividades acadêmicas, tarefas que, muitas vezes, estão completamente distantes da realidade vivida pelos alunos e que, portanto, tornam as aulas enfadonhas fazendo com que a frequência de comportamentos inadequados aumente.

3 - A gestão escolar apresenta a proposta curricular no início do ano letivo?

GRÁFICO A3

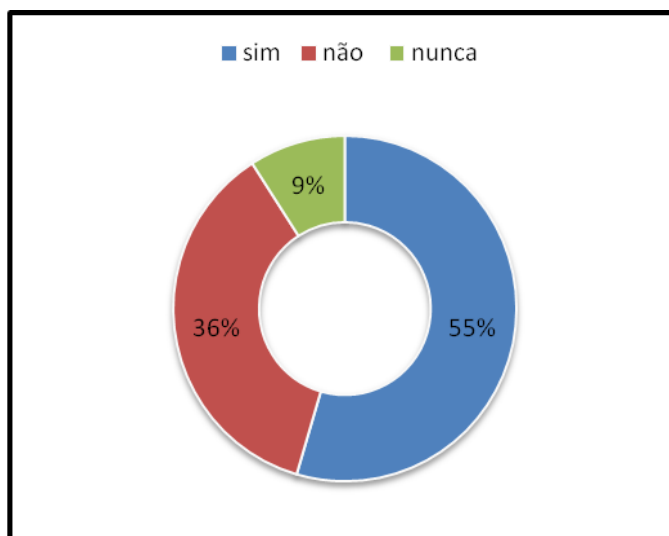


Fonte: pesquisa de campo – Vieira, Perpétua Cipriano. Brasília, 2014.

Fez-se necessário nessa pesquisa inferir a todos os segmentos se a gestão escolar apresenta a proposta curricular no início do ano letivo e a maioria, como tabulado nos gráficos afirma de forma negativa. No grupo dos pais 50% dos respondentes colocaram que não é apresentada a proposta curricular no início do ano letivo, contra 40% de sim e 10% responderam que nunca. Analisando ainda o segmento dos cinco gestores a vice-diretora e a coordenadora demonstraram-se opostas a visão dos seus colegas, bem como o grupo de professores se dividiu, em que 36% disse não e 9% nunca. A apresentação da proposta na parceria escola/comunidade facilita para ambas as partes o acompanhamento à aprendizagem do aluno, como nos mostra a importância dessa apresentação Suplino (2005, p.41):

É, antes, abrir as portas do desconhecido mundo das terapias e orientar os pais quanto a procedimentos simples e determinantes para a aprendizagem dos filhos.

GRÁFICO – grupo dos professores



Fonte: pesquisa de campo – Vieira, Perpétua Cipriano. Brasília, 2014.

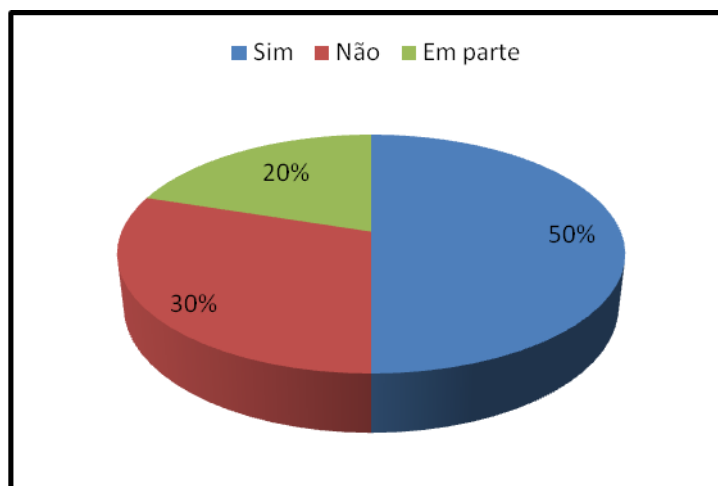
Os dados apontam que a equipe escolar do Centro não discute em equipe a organização da escola, nem mesmo a gestão comunga da mesma língua. Dessa forma como fazer com que a comunidade tenha a postura de trabalhar em parceria com os professores que atendem seus filhos? É preciso mudança como nos diz Ropoli (2002, p.10):

Para atender a todos e atender melhor, a escola atual tem de mudar, e a tarefa de mudar a escola exige trabalho em muitas frentes. Cada escola, ao abraçar esse trabalho, terá de encontrar soluções próprias para os seus problemas. As mudanças necessárias não acontecem por acaso e nem por Decreto, mas fazem parte da vontade política do coletivo da escola, explicitadas no seu Projeto Político Pedagógico - PPP e vividas a partir de uma gestão escolar democrática.

Assim, é fácil perceber que a comunidade só saberá trabalhar em parceria com a escola se essa disponibilizar condições de entendimentos para os pais da escola fazerem parte de verdade.

4 - O currículo Funcional é aplicado em parceria?

GRÁFICO A4



Fonte: pesquisa de campo – Vieira, Perpétua Cipriano. Brasília, 2014.

Ao perguntar aos pais se o currículo Funcional é aplicado em parceria, 50% dos pais afirmam trabalhar o currículo em parceria com os professores, 30% dizem que não é aplicado e 20% assinalaram que em parte. Ao pedir para os segmentos de gestores e professores descreverem duas (2) ações que ajudariam o Currículo Funcional ser desenvolvido na escola e ao mesmo tempo na família, formando uma parceria, tivemos como resposta atitudes de participação e envolvimento nas atividades diárias dos PNEEs, fazendo da escola uma extensão do espaço familiar, em que o currículo para ser funcional necessita que a família conheça o que é desenvolvido na escola para aplicar no cotidiano do aluno as mesmas ações, caso contrário o resultado e eficiência do currículo aplicado no Centro será nulo. Como Azevedo, (2000, p.86) pontua:

A pedagogia da participação é instrumento de valorização de ação coletiva e solidária, de conquistas simbólicas e materiais dos grupos. Ao mesmo tempo é um instrumento pedagógico, possibilita o conhecimento do contexto sócio cultural que interage como o Currículo escolar, tornando-o significativo, dando sentido as aprendizagens construídas a partir das estratégias de mediação propostas e operadas pelos educadores.

5 - Quando você participa da Avaliação Institucional (Dia Letivo Temático) você percebe a proposta curricular como organização da escola também?

GRÁFICO A5



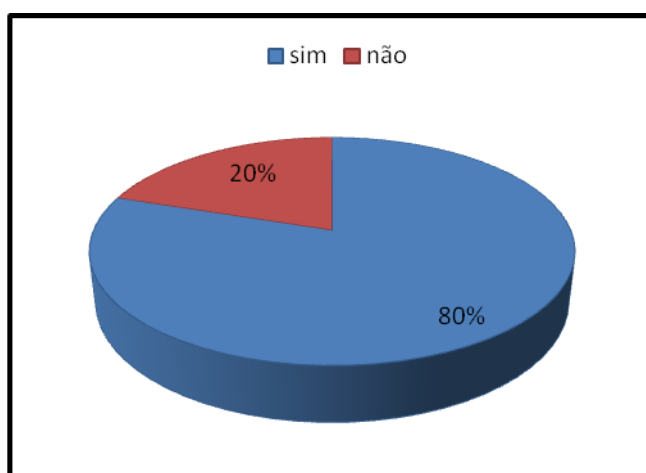
Fonte: pesquisa de campo – Vieira, Perpétua Cipriano. Brasília, 2014.

A maioria dos grupos que contribuíram com a pesquisa apontou que ao participar da Avaliação Institucional (Dia Letivo Temático) percebe a proposta curricular como organização da escola. Os dados mostram que 70% percebem que sim e 30% não percebem a proposta curricular como organização da escola. Dessa maneira os dados nos levam a refletir que o currículo e a avaliação necessitam andar juntas e é nos momentos de avaliação da instituição que temos a força de abrir caminhos para que os interesses de todos sejam levados em consideração. Assim, Libâneo (2001, p.48), manifesta sobre a organização curricular:

Uma educação multicultural requer que a decisões da equipe escolar sobre objetivos escolares e organização curricular *reflitam* os interesses e necessidades formativas dos diversos grupos sociais existentes na escola (a cultura popular, o urbano e o rural, a cultura dos jovens, a cultura de homens e mulheres, brancos, negros, das minorias étnicas, dos alunos com necessidades especiais).

6 - O currículo Funcional contribui na aprendizagem do seu filho (a) no CEE - Centro de Ensino Especial?

GRÁFICO A6



Fonte: pesquisa de campo – Vieira, Perpétua Cipriano. Brasília, 2014.

Quando perguntado ao grupo dos pais se o currículo Funcional contribui na aprendizagem do seu filho (a) no CEE Motivador Social- Centro de Ensino Especial 80% responderam sim e somente 20% responderam não. Isso nos leva a creditar que mesmo os pais não conhecendo na prática o currículo desenvolvido em sala de aula com seu filho, eles reconhecem que por que seus filhos estão em escola especializada o Currículo Funcional- que visa a melhoria da qualidade de vida do PNEE, Suplino 2005, contribui na aprendizagem dos mesmos.

7 - De que forma O Currículo Funcional em sua aplicação favorece a aprendizagem para os alunos matriculados no CEE?

Foi feito esse questionamento para todos os grupos dessa pesquisa. De acordo com os respondentes do grupo dos pais 71% % disseram que é desenvolvendo e aperfeiçoando

comportamentos naturais da vida diária (vestuário, alimentação e higiene) para a inclusão na sociedade; 29% afirmam que é enfatizando que aquilo que ele vai aprender tenha utilidade para sua vida no momento atual ou a médio prazo. Nos segmentos dos gestores e professores esse questionamento teve um diferencial em sua análise uma vez que todos foram unânimes em responder conforme a porcentagem maior dos pais.

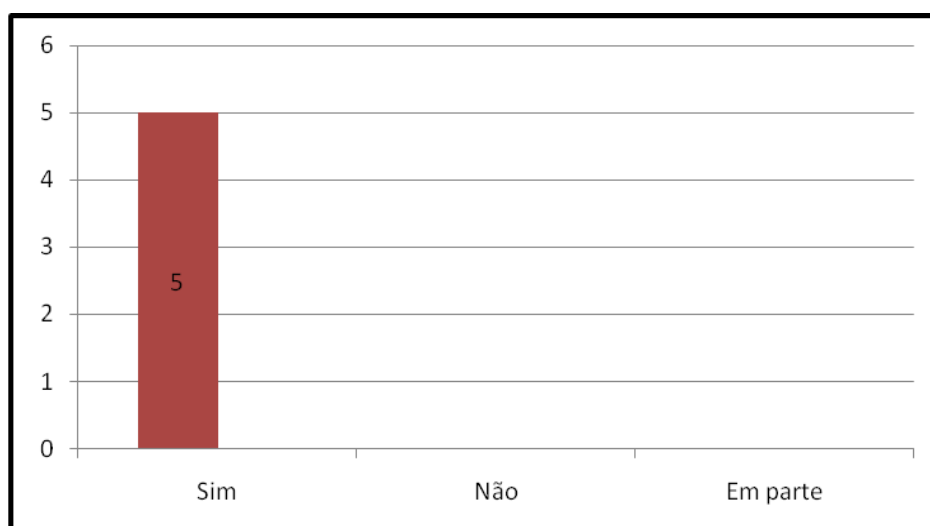
Diante disso, entendeu-se que o Currículo Funcional favorece a aprendizagem por ser uma proposta que aponta caminhos para que o aluno, de acordo com Suplino 2005, à sua maneira e com o auxílio da família e de professores, tenha participação social e melhor autogestão na vida.

QUESTIONÁRIO AOS GESTORES

- **B** Diretor, Vice-diretor, Coordenadores e Assistente Pedagógica.

1 - No Centro o Currículo é visto como parte fundamental na construção do Projeto Político Pedagógico?

GRÁFICO B1



Fonte: pesquisa de campo – Vieira, Perpétua Cipriano. Brasília, 2014.

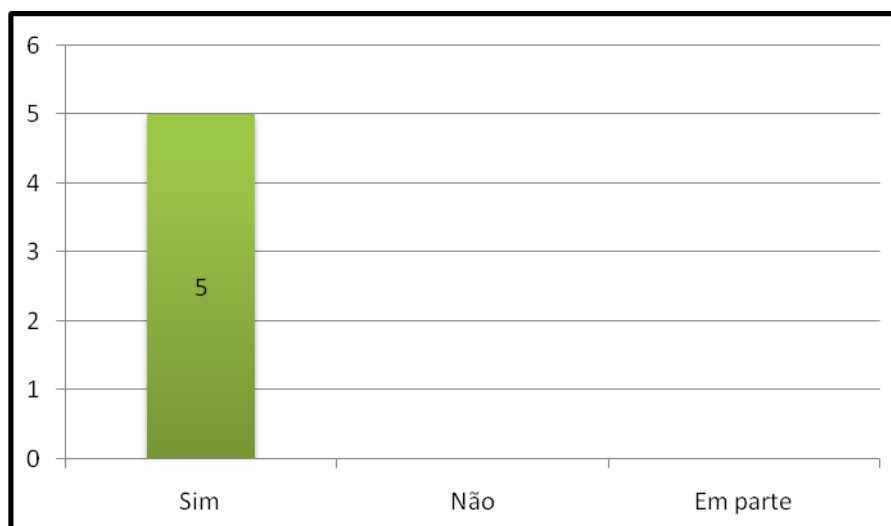
Verificamos nessa questão aplicada também ao grupo de professores, que os respondentes afirmam em 100% que o Currículo é visto como parte fundamental na construção do Projeto Político Pedagógico.

De acordo com os segmentos da direção e professores, não se tem Projeto Político Pedagógico sem reconhecer o currículo como parte e ferramenta da organização da escola. Como nos diz Veloso:

Analogicamente falando, eu diria que o Currículo pode ser entendido como um retrato da escola, do mesmo jeito que uma tomografia computadorizada pode ser vista como um retrato do cérebro. Nesse sentido não é suficiente pensar a escola apenas na sua estrutura física ou organizacional. (Veloso, 2006, p.66/67)

2- O Currículo Funcional trabalhado no CEE favorece a perspectiva da educação inclusiva?

GRÁFICO B2

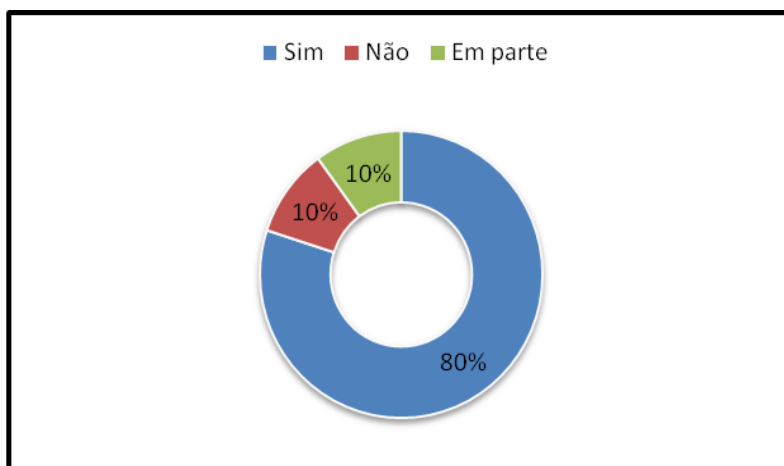


Fonte: pesquisa de campo – Vieira, Perpétua Cipriano. Brasília, 2014.

O gráfico B2 nos revela que, por unanimidade – 100% dos respondentes do grupo dos gestores afirmam que o Currículo Funcional trabalhado no CEE favorece sim a perspectiva da educação inclusiva. Porém, feita a mesma pergunta aos professores somente

80% responderam que sim, 10% responderam que não e 10% em parte. Conforme o gráfico abaixo:

GRÁFICO – grupo dos professores

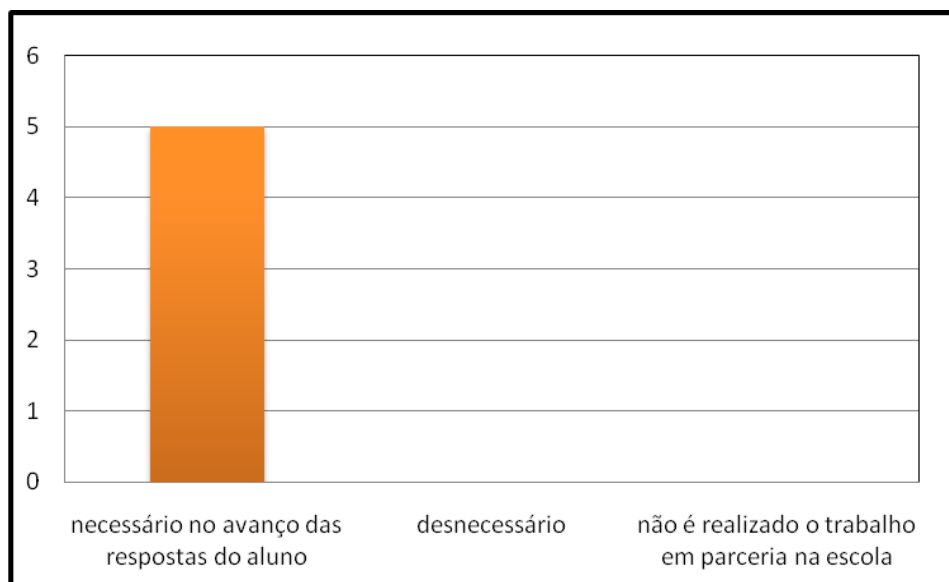


Fonte: pesquisa de campo – Vieira, Perpétua Cipriano. Brasília, 2014.

Assim como afirmamos no referencial teórico desse documento, o Currículo Funcional é um caminho que visa à melhoria da qualidade de vida de pessoas com deficiência mental a fim do alcance satisfatório de uma inclusão social. De um modo geral, trata-se de um amplo empreendimento de ensino projetado para oferecer oportunidades para os alunos aprenderem, as habilidades que são importantes para torná-los independentes, competentes, produtivos e felizes em diversas áreas importantes da vida, familiar e em comunidade.

3- Como você considera a parceria dos pais no desenvolvimento do Currículo Funcional no processo escolar do CEE?

GRÁFICO B3



Fonte: pesquisa de campo – Vieira, Perpétua Cipriano. Brasília, 2014.

Verificamos no gráfico B7 que os gestores e professores consideram a parceria dos pais no desenvolvimento do Currículo Funcional no processo escolar do CEE, como necessário no avanço das respostas dos alunos.

As respostas dos alunos nesse currículo vai depender da sequência que será dada pela família das propostas de trabalho realizado na escola. Que as técnicas e procedimentos utilizados para ensino possam ser conhecidos e compartilhados pelos pais, no entanto esclarece Suplino (2005, p. 41) que nessa parceria escola/família:

É importante que fique claro, que não se trata de retirar dos pais sua identidade e características inerentes ao seu papel para torná-los terapeutas dos filhos. É, antes, abrir as portas do desconhecido mundo das terapias e orientar os pais quanto a procedimentos simples e determinantes para a aprendizagem dos filhos. Procedimentos que poderão utilizar e ajudar a seus filhos no processo educativo, além de garantir a generalização, uma vez que possa dar oportunidades no ambiente familiar para que os filhos continuem praticando o que aprenderem na instituição.

Diante o resultado analisado, cabe ressaltar que essa parceria no Currículo funcional é essencial para um resultado eficaz do que ensinar e oferecer aos PNEEs

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A forma como é organizada e vista a proposta curricular da Educação Especial é tema muito complexo pela especificidade das diretrizes curriculares que necessitam seus participantes. O presente trabalho analisou como os Gestores e professores do CEE percebem a Proposta Curricular aplicada no Centro Motivador Social, conhecendo assim as representações dos pais, acerca do Currículo Funcional. Para tanto, foi necessário analisar o acompanhamento do gestor escolar na prática pedagógica em sala de aula, realizada nos Centros de Ensino Especial da SEE/DF, verificando como os todos os segmentos do Centro conhecem a proposta do Currículo Funcional, bem como suas representações a respeito do mesmo.

Apesar dos currículos serem remetidos às escolas com normas exigidas pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) a escola pode e deve inserir nesse currículo as características e necessidades da comunidade onde está inserida. A proposta curricular da Educação Especial, assim como qualquer currículo escolar dos ensinos da rede, é tudo que compreende o cotidiano escolar, não só os conteúdos, mas objetivos, metas, ações, enfim é a vida da escola que está no aluno, no professor, na equipe diretiva, na proposta pedagógica da escola, no planejamento e avaliação.

O aprofundamento conceitual em que se baseou este trabalho enfatizou a análise do Currículo Funcional fundamentado nos estudos de Marise Suplino, entre outros estudiosos expressados no referencial teórico desse trabalho. Este estudo permitiu conhecer na prática o que pais e professores querem e esperam do Currículo aqui pesquisado e como esse currículo respondem á proposta da DRE- Direção Regional de Ensino de incluir os PNEES na sociedade

A pesquisa revelou que no CEE a proposta do Currículo Funcional necessita ser apresentada no início do ano letivo para diminuir os anseios dos pais que esperam das práticas do professores ações que eles nunca percebem o resultado. O motivo dessa expectativa dos familiares é o desconhecimento do currículo que é desenvolvido em sala de aula, bem como a prática isolada dos professores do Centro que dificilmente planejam ou discutem o currículo para implementação do PPP da escola, que com toda dificuldades e falhas no sistema não favorecem os professores trabalharem de maneira coletiva, já que sua

construção é costurada por pedaços, onde se nota aulas sem objetivos num fazer pedagógico que não se soma ao grande grupo.

Dessa maneira dificilmente, como analisamos nesse estudo, a parceria entre família/escola se dará pontualmente como apregoa a necessidade e objetivo do Currículo Funcional e adaptado para os alunos portadores de necessidades educativas especiais - PNEEs da rede pública. Os gestores preocupados em realizar novas práticas de acordo com uma gestão democrática que é ordem de lei, estão caminhando em busca de espaços escolares cada vez mais atentos com o compromisso de aprendizagens para todos, tentando viabilizar a participação da comunidade, “daí a importância de que se preveja, em sua estrutura, a instalação de mecanismos institucionais que estimulem a participação em sua gestão não só de educadores e de funcionários, mas também dos usuários, a quem ele deve servir” como nos afirma (PARO, 2001, p.58).

Por fim, fiquei satisfeita pela oportunidade de pesquisar sobre um tema tão relevante no interior das escolas, e com tamanha responsabilidade já que dele se faz o espelho da escola – o currículo. Nesse percurso ficou impregnado na minha memória educativa, como representações do trabalho desenvolvido no Centro, que o Currículo escolar é um documento que expressa a realidade dos espaços educativos, pois é alvo da atenção de todos os que buscam entender e organizar o processo de ensino-aprendizagem. É também um importante meio de se propagar a gestão democrática, pois devem ser construídos e mantidos com a colaboração de toda a comunidade escolar, pais, alunos, professores, direção e funcionários da escola, para que assim a escola tenha conhecimento dos problemas da comunidade e a comunidade tenha conhecimento dos problemas ocorridos na escola. Nessa articulação entre comunidade escolar, e gestão escolar toda a responsabilidade de melhorias na educação para os alunos, cabe, além do gestor, ao grande grupo que se forma dentro e fora da escola, onde o compromisso com a aprendizagem significativa é de TODOS!!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, José Clóvis, **GENTILI**, Pablo (org.) et al: **Democracia e Utopia na Escola Cidadã**. Porto Alegre, UFRGS; 2000.

BRASÍLIA, SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO. **Diretrizes pedagógicas**. SEE/DF, 2008.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto- Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70; 1977.

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** (Lei nº9394), Brasília: Centro Gráfico, 1996

_____. Secretaria de Estado de Educação. **Currículo da Educação Básica das escolas públicas do Distrito Federal**. Brasília. SEED, 2002.

------. **Constituição** (1988). **Constituição** da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, Senado, 1998.

CAPRA , F. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 1982.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?**. 12. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GENTILI, Pablo e **ALENCAR**, Chico. **Educar na Esperança em tempos de Desencanto**. Petrópolis, Vozes, 2003.

GIROUX, H. **Pedagogia Radical**. Subsídios.Trad. ZIBAS, D. M. L. São Paulo: Cortez, 1983.

GOODSON, Ivor. **Currículo: Teoria e História**. Petrópolis: Vozes, 1995.

LAKATOS , Eva Maria; **MARCONI**, Marina de Andrade, **Fundamentos de metodologia científica**, - 5. ed. - São Paulo : Atlas 2003.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática** – Ed. Alternativa, Goiânia, 2001.

LIMA, Elvira. Souza. **Indagações sobre currículo: currículo e desenvolvimento humano**. Organização do documento Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008

LIMA, Erisevelton Silva, O Diretor e as Avaliações praticadas na Escola. Brasília: Ed Kiron, 2012.

LÜDKE, M.; **ANDRÉ**, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MIRANDA, T. G. **A Educação Especial no Marco do Currículo Escolar**. UFBA, Faculdade de Educação. Salvador, 2000.

MORAN, José Manuel, **MASETTO**, Marcos & **BEHRENS**, Marilda. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 7ª ed. São Paulo: Papirus, 2003.

MOREIRA, A. F. B.; **CANDAU**, V. M. **Currículo, conhecimento e cultura**: Documento em versão preliminar. Secretaria de Educação Básica. 2006.

PARO, Vitor Henrique. **Administração escolar e qualidade de ensino: o que os pais ou responsáveis têm a ver com isso?** In: **BASTOS**, João Baptista (Org.). *Gestão democrática*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2001..

Plano Orientador das Ações de Educação Especial nas Escolas Públicas do Distrito Federal, SEE/DF, SUPEP e DEE, de 2006.

PONTE, João Pedro (1994). O estudo de caso na investigação em educação matemática. *Quadrante*, Vol.3, nº 1, 3-17

PROFESSORAS E PROFESSORES DO CEE 01 de Brasília, **Propostas de Práticas Pedagógicas - PPP** em Educação Física, LIEDE'S, Oficinas Motivacionais e Produtivas, 2013/3014.

ROPOLI, Edilene Aparecida et al. **A EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO ESCOLAR: a escola comum inclusiva**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, Universidade Federal do Ceara, 2010.

SANTOS, Lucíola Paixão; **PARAÍSO**, Marlucy Alves. Currículo. In: **Currículo e Avaliação: elementos do Projeto Político-Pedagógico**. Caderno de Estudos 2; Maceió/AL: Open GRAPH, 2000.

SARAMAGO, J. Da justiça à democracia passando pelos sinos. Palestra proferida no Fórum Mundial Social. Porto Alegre, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SUPLINO, M. **Currículo Funcional Natural**: Guia Prático para educação na área de autismo e deficiência mental. Brasília: CORDE, 2005.

YVES, Dantas Heloisa e **OLIVEIRA**, Marta Kohl de, **Piaget**, **Vygotsky**, **Wallon**: teorias psicogenéticas em discussão. 24 ed. São Paulo: Summus Ed., 1992

APÊNDICE

- **PESQUISA:**

A articulação do Gestor Escolar no desenvolvimento do Currículo Funcional do Centro de Ensino Especial.

QUESTIONÁRIO PARA COLETA DE DADOS

- O presente questionário é parte integrante de uma pesquisa na área de Especialização em Gestão Escolar e tem por objetivo analisar a gestão escolar e seu compromisso com as aprendizagens de todos na escola, referente ao Curso de Pós-Graduação Lato Sensu – Escola de Gestores – UnB.

Desde já agradeço sua contribuição,

Atenciosamente,

Prof^a: Perpétua Cipriano

SEE/DF mat. 30990-7

ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO AOS PAIS DO CEE

INFORMAÇÕES SOBRE OS PARTICIPANTES DA PESQUISA

1- Idade: _____

2- Formação/escolaridade: _____

3- Tempo que do aluno está no Centro: _____

1 Você sabe o que é Currículo escolar?

() Sim () Não

2 – Marque apenas uma alternativa que mais se aproxima do que você entende por Currículo Funcional aplicado no Centro:

() trabalha a teoria

() ações terapêuticas

() aprendizagem significativa

() processo de alfabetização

3 – A gestão escolar apresenta a proposta curricular (Currículo Funcional) no início do ano letivo?

() Sim

() Não

() Nunca

4 - O Currículo Funcional é aplicado em parceria:

() Sim

() Não

() em parte

Justifique: _____

- 5 - Descreva duas (2) ações, para você, que ajudariam o Currículo Funcional seja desenvolvido na escola e ao mesmo tempo na família, formando uma parceria:

- 6 Quando você participa da Avaliação Institucional (Dia Letivo Temático no calendário escolar) você percebe a proposta curricular como organização da escola também?

() Sim

() Não . Por quê?

- 7 O Currículo Funcional contribui na aprendizagem do seu filho (a) no CEE – Centro de Ensino Especial?

() Sim. () Não

- 8 - De que forma o Currículo Funcional em sua aplicação favorece o ensino-aprendizagem para os alunos inseridos em CEE?

() enfatizando que aquilo que ele vai aprender tenha utilidade para sua vida no momento atual ou à médio prazo.

() trabalhando somente as habilidades afetivas

() desenvolver e aperfeiçoar comportamentos naturais da vida diária (vestuário, alimentação e higiene) para sua inclusão na sociedade.

() favorecendo tanto os aspectos educacionais quanto os afetivos

() não levando em consideração sua aprendizagem adquirida

() esse currículo não ajuda na aprendizagem do meu filho

9- O que os senhores(as) esperam do Currículo Funcional aplicado no processo escolar de (a) seu (a) filho (a)? (EXPECTATIVAS)

REFLETINDO

Diferentes currículos produzem diferentes pessoas e, naturalmente essas diferenças não são meras diferenças individuais, mas diferenças sociais ligadas à classe, à raça, ao gênero.

GOODSON, 1995

ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO AOS GESTORES

(Diretor, Vice-diretor, coordenadores, orientador pedagógico)

INFORMAÇÕES SOBRE OS PARTICIPANTES DA PESQUISA

1 Idade: _____

2 Formação/escolaridade: _____

3 Tempo que está no Centro: _____

1- Conceitue Currículo escolar?

2- No Centro o Currículo é visto como parte fundamental na construção do Projeto Político Pedagógico da escola?

() Sim. () Não

() Em parte. Por quê? _____

3 – Marque apenas uma alternativa que mais se aproxima do que você entende por Currículo Funcional aplicado no Centro:

() trabalha a teoria

() ações terapêuticas

() aprendizagem significativa

() processo de alfabetização

4 – A gestão escolar apresenta a proposta curricular (Currículo Funcional) no início do ano letivo?

☐ Sim ☐ Não ☐ Nunca

5 - O Currículo Funcional trabalhado no CEE favorece a perspectiva da educação inclusiva?

☐ Sim

☐ Não

☐ em parte

Justifique: _____

6- Descreva duas (2) ações, para você, que ajudariam o Currículo Funcional ser aplicado em parceria escola/família:

7- Quando você participa da Avaliação Institucional (Dia Letivo Temático no calendário escolar) você percebe a proposta curricular como organização da escola também?

☐ Sim

☐ Não . Por quê?

8- De que maneira é feita a articulação do Currículo Funcional entre os sujeitos participativos do CEE em sua gestão?

9 - De que forma o Currículo Funcional em sua aplicação favorece o ensino-aprendizagem para os alunos inseridos em CEE?

() enfatizando que aquilo que ele vai aprender tenha utilidade para sua vida no momento atual ou à médio prazo.

() trabalhando somente as habilidades afetivas

() desenvolver e aperfeiçoar comportamentos naturais da vida diária (vestuário, alimentação e higiene) para sua inclusão na sociedade.

() favorecendo tanto os aspectos educacionais quanto os afetivos

() não levando em consideração sua aprendizagem adquirida

10- Como você considera a parceria dos pais no desenvolvimento do Currículo Funcional aplicado no processo escolar do CEE?

() necessário no avanço das respostas do aluno

() desnecessário

() não realize o trabalho em parceria

REFLETINDO

Diferentes currículos produzem diferentes pessoas e, naturalmente essas diferenças não são meras diferenças individuais, mas diferenças sociais ligadas à classe, à raça, ao gênero.

GOODSON, 1995